

Movimento
de
Alma
poema

a. guerra santos

A mulher levantou a mesa, levou os pratos para a cozinha, colocou-os no lava loiças, encostou-se à bancada e acendeu o cigarro no piloto do esquentador. Aquele idiota, o que é que ele quer, prestou atenção aos passos, pelo menos não é dado à bebida, pensou seriamente na sua vida, o melhor que tenho a fazer é dar o fora, seguir o meu instinto, ele que tome conta do velho e do puto. Escutava o que o pensamento lhe dizia e assustava-se, não conseguia explicar, à noite sentia o desejo de ser beijada, muito beijada, o corpo tremia todo, incendiava-se, esse mistério que não conseguia resolver levou-a à vidente que lhe disse que numa vida passada tinha trabalhado num cabaré ou bordel, não se via claramente. Tinha de mudar de vida, não havia outra solução.

Atenção senhores passageiros o comboio regional proveniente de, com destino a, que devia dar entrada na linha numero quatro circula com um atraso de vinte minutos, pedimos desculpa pelo incómodo, atenção à distância entre a porta da carruagem e a plataforma. Não te irrites num instante chegaremos ao destino, levo-te para casa de uma tia, trabalhas na loja e vives por cima, do melhor. Ela não respondeu, já sentada no comboio que parecia um avião, olhou pela janela para o campo de futebol com bancadas empoeiradas, no relvado jogadores encolhidos pareciam galinhas assustadas com a presença do homem em pé no seu fato de treino amarelo, depois viu a fábrica encostada ao campo, os jogadores são os operários, reparou que ao fim da tarde as sombras esperam ansiosas que se liguem os projectores. Deixa-te desse ar triste, tenta convencer-me, imagina que sou um cliente. Ela não disse nada, olhava o membro que segurava na mão e não fazia nenhum esforço para o endireitar. Meu deus tu não tens jeitinho nenhum para isto, tens de beijar, é o minimo, meteu-o para dentro e apertou a braguilha. Ficaram em silêncio.

Parecia envelhecida, em criança ia com o avô àquela cidade, à consulta dos diabetes, na altura era colorida, as fachadas de várias cores a roupa estendida as flores em vasos, por fim cortaram-lhe as pernas, morreu de desgosto, ela fugiu do enterro com um fulano que a desflorou assim que se afastaram do cemitério, sulcos de alcatrão na floresta aos ziguezagues, comprometido ele prometia-lhe presentes à chegada. Compras-me um soutien? ainda não se vislumbrava que tipo de mamas viria a ter,

Perfeitas, disse a tia Piedade com elas nas mãos, os nossos clientes não gostam de imperfeições, trouxeste à tia material de primeira, onde diabo a desencantaste. Ela olha em silêncio para o peito, o marido nunca o tinha elogiado, o quarto era decente limpo, a cama a cadeira e o guarda fatos era tudo o que precisava, nossa senhora da conceição pousada na mesinha de cabeceira confortava-a, o globo de vidro pendurado do tecto aceso parecia um pequeno sol. Para aqui não podes trazer homens, isto é uma casa decente, se quiseres atender clientes fázio lá em baixo na sexshop mas deixas tudo limpo não quero porcas ao meu redor, o meu sobrinho é diferente há-de cá se vir as vezes que quiser, soltou sonora gargalhada, ela sentada na cama pensava se o paizinho teria jantado. O seu benfeitor possuiu-a quatro vezes depois lançou-lhe alguns impropérios e foi-se embora a rir, apesar da violência tinha gostado, sentia-se viva, tinha a coisa a latejar, de facto não presto para nada.

Naquela primeira noite levou tempo a adormecer, estranhou a cama, ouvia barulho de vozes, fechava os olhos, um ruído profundo constante, cintilavam luzes invisíveis, formas coloridas e serpenteantes de um esplendor no qual surgiam mulheres sedutoras, em atitudes suaves anunciando novos deleites, estranhas e nostálgicas promessas, imaginava-se rodeada de cortinas cor de rosa corridas, para lá das quais sussurros ofegantes entravam em apoteose. Talvez não comece amanhã, pensou, talvez comece à noite, um raio de luz em movimento perfurou a persiana e alastrou em leque, debaixo da janela soou a voz de um homem e depois de uma mulher, depois outra de homem, fundiram-se num murmúrio, uma porta bateu e alguém caminhava no corredor, outra vez ele não.

A casa parecia cheia de gente que não dormia de noite, ouvia para cá e para lá passos apressados, tinha consciência da presença de mulheres, de carne feminina, apurava os ouvidos para captar todos os murmúrios, todos os sussurros de prazer que traspassavam as paredes e o chão, pareciam ser parte integrante da casa como o estuque e as tábuas, levantou-se, deu a volta à chave e deixou a porta entreaberta, mas não aconteceu nada.

Decidiu ficar o dia todo no quarto, preparava-se mentalmente, o almoço foi a água e as bolachas que sobraram da viagem, deixou-se estar deitada a olhar para o tecto, ia entrar às oito, tinha que se depilar com a cera que a madame lhe emprestara, tinha tempo, não era peluda, no rabo só tinha penugem dourada.

Enquanto a cera arrefecia nas virilhas abriu a gaveta da mesinha, este livro não será vendido, aberto ao acaso *«Jesus desceu do monte das oliveiras, pela manhã voltava ao templo, o povo vinha ter com ele, sentava-se e falava-lhes, os escribas e fariseus trouxeram uma mulher adúltera, disseram, esta mulher cometeu o pecado, na lei mandou Moisés que fosse apedrejada, e tu que dizes, Jesus escrevia com o dedo na areia, não dizia nada, eles insistiam, levantou-se e disse, aquele entre vós que está sem pecado atire a primeira pedra, voltou a agachar-se e continuou a escrever, os homens dispersavam, Jesus levantou os olhos, onde estão os acusadores, ninguém te condenou, ninguém Raboni, vai-te e não voltes a pecar»* Arrancou a cera e saiu-lhe da boca um grito mudo, passos no corredor, aquilo era uma casa de fornicção, e fornicção tal que até o sobrinho abusava da tia, intercalada com ela, onde me vim meter.

Todos os homens eram o marido, exibia o corpo deitada no estrado circular, se ele a visse em posição de cadela, gania para dentro, os estores abriam e fechavam voltavam a abrir, o sorriso cúmplice para o cliente satisfeito, venha outro, no cenário preto estrelas nasciam do sol-espelho em movimento, representava para o seu homem ausente, esqueceu-se de tirar a aliança.

Gritos no corredor, uma porta abriu-se fechou-se e tudo ficou resolvido, a sua vida dividia-se em duas partes, uma delas em fase de decomposição, a outra tendo por sujeito um tipo estranho sobre o qual ainda não tinha ideias muito claras, tinha esperança de vir a encontrar melhor, um industrial do norte que a cobrisse de prendas, mas para que queria ela mais jóias indiscretas, adormeceu de cansaço. Acordou à hora do costume, levantou-se sobressaltada ficou parada olhou para os pés descalços e começou a chorar, atirou-se para a cama desolada mas logo tentou recompor-se, pegou no livro e deu uma olhada « *...na ressurreição nem casam nem são dadas em casamento, mas serão como os anjos de Deus no céu*»

Até das almas mais empedernidas liberta-se fugazmente um resto de bondade, o chulo ofereceu-lhe um colar com uma cruz em prata, um gesto simpático que a ela pouco disse, esforçou-se para encontrar no facto uma qualquer relação simbólica, cada um carrega a sua cruz a cada qual o seu calvário, abriu o novo testamento ao acaso «*porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem, mas para nós que somos salvos, é o poder de Deus*» adormeceu a mastigar palavras na boca.

Da teia desce um colchão que fica no centro ao alto, duas figuras de mulher com máscaras neutras, trazem-na para o palco e vestem-lhe um vestido de noiva, atam-na à cama com um cinto, duas figuras de homem com as mesmas máscaras trazem o marido e colocam-no em frente a ela, ele faz o pino anda com as mãos no chão faz a roda à frente dela, ela ri sem se ouvir, ele rasga-lhe o vestido e toma posição encostado a ela, com os farrapos do vestido as máscaras masculinas amarram as mãos, as máscaras femininas atam os pés da noiva, o que sobra serve de mordança, enquanto isso o seu homem faz novamente o pino anda com as mãos faz a roda e outras macacadas, a barriga dela incha até quase rebentar, as máscaras femininas tiram-lhe da barriga uma criança, desamarram-lhe as mãos e depositam o bebé nos seus braços, o homem anda de gatas.

Diante dele de seios nus contava o dinheiro, ele sacou-lhe as notas da mão e meteu-as no bolso, veste-te, vais conhecer o diabo em pessoa.

No bar do hotel continental uma rapariga estrangeira, trabalhadora ilegal, tenta dar a volta a um velho às costas com uma constipação, limpa o ranho ao lenço, dois homens de negócios em viagem olham para um portátil, na china foi o único projeto que se vendeu desculpa-se para o outro que meneia negativamente a cabeça. Então deixa lá ver esse pedaço disse o tal diabo sentado a um canto, hoje em dia é raro provar anjinhas, que é que fazes? faço tudo disse ela instruída, leva-a para a minha suite que eu já lá vou ter, acaricia o telemóvel que se pisca todo, se tudo correr a gosto, passas o domingo no meu camarote, já conheces o estádio novo?

Na colina a norte ergue-se a enorme catedral como lhe chamam os adeptos, em dia de jogo os urros bárbaros e os tambores tomam conta da cidade, os sinos calaram-se definitivamente incomodavam toda a gente, as igrejas foram despejadas, ainda se podem encontrar restos de relíquias na rua dos antiquários, os padres aprenderam a fingir que gostam de futebol e amam os fiéis, ela caminha descalça com os sapatos na mão, nos primeiros sinais da madrugada há semelhança de uma imagem feérica, o corpo abandonado entrega-se ao ritual dos passos, está cansada, a lembrança do passado recente vai aos poucos desvanecendo-se, parece um memória antiga, isso preocupa-a ainda nem fez uma semana.

Ele achava-a irresistível, quem diria que aquele pãozinho sem sal pudesse ter tanto desejo, beijou-lhe os pezinhos subiu aos joelhos, fez-lhe baixinho um pedido, ela corou sorriu dizia não não enquanto abria as pernas, quando saiu do delírio tapou o rosto com as mãos, ainda ofegante murmurou que bom que bom, ele lambia os beiços muito satisfeito, ensinara-lhe uma sensação nova, tinha-a na mão.

O que sentia era mais do que podia suportar, o obsessivo diálogo consigo própria afastava-a da realidade, não era normal estar a pensar nisso enquanto era sodomizada, olhou para trás, o amante tinha raiadas de sangue as raízes dos globos oculares, quem é o teu dono, deu-lhe uma palmada que ficou marcada a vermelho no rabo, és tu. Até uma realidade sem poesia cabia num poema, crescia nela uma vontade imensa de escrever versos, teve a lembrança distante de em criança gostar de poesia, talvez não fosse nada assim talvez se tratasse de querer alterar o tempo, abrir um espaço em que o tempo parasse e se visse como outra, que podia ter sido mas não foi, a presença do recalçamento subia e descia nas entranhas como o sexo do seu amante.

A saída era continuar a viver para os outros como os outros esquecendo-se de si, deixar-se ser possuída por homens que lhe pagassem, uma vida de excesso era melhor que uma existência parada, o que é que o "oráculo" teria a dizer sobre isso *«e disse eu, quem és senhor? e ele respondeu, sou Jesus, a quem tu persegues, mas levanta-te e põe-te de pé, porque apareci por isto, para te constituir servidora e testemunha tanto das coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda»*

Chovia a cântaros, toda nua abriu a portada e saiu para a varanda, de frente para a lua lavou o cabelo com a água da chuva, voltou para dentro e fechou a janela, meteu-se toda molhada na cama, abriu o caderno que tinha comprado na véspera e escreveu

Primavera

graciosa filha de Março
virgenzinha singela de
olhos encantadores
vejo florir os teus seios nos
ramos da figueira
cujos biquinhos acariciados
pelo sol fresco da alvorada
em breve darão leite
numa linda manhã

O sexo foi para si durante muitos anos uma virtude escondida, desde há pouco tempo passou a ser um defeito assumido, já há muito que o sol desaparecera naquele dia ventoso, o cinzento pálido do fim do inverno nortenho agarrava-se às paredes das casas velhas que ladeavam a rua estreita, faltava ainda algum tempo para a primavera vir animar as colinas nuas as pastagens e os bosques que cobriam a montanha ingreme sobranceira à cidade, só então romperiam as flores silvestres as ervas daninhas os campos apareceriam pintados de verde vivo, mas naquele dia triste e húmido dava a impressão que o calor da primavera jamais viria aquecer a cidade. Santo deus murmurou acabrunhada pelas recordações, levou as mãos regeladas à cara sentindo estremecer todo o corpo quando os dedos frios tocaram a face escaldante e humedecida pelas lágrimas, através da escuridão crescente daquele fim de tarde encaminhou-se tão depressa quanto podia para a casa iluminada pelo néon vermelho que se via ao fim da rua deserta, uma rajada de vento frio atirou-lhe o cabelo loiro para o rosto obrigando-a a afastá-lo com um suspiro decidido, evitava as poças de água enlameada que pintalgavam o alcatrão em mau estado, o casaco abriu-se de repente e ela sentiu o corpo esguio enregelado e dormente sob o vestido leve, entrou na sexshop, vens atrasada, o que é que tens a ver com isso, ela já perguntou por ti, quando entrava para o

camarim improvisado na dispensa ainda ouviu chamar galdéria antes de fechar a porta. Maquilhou-se despida, pintou riscos negros nos olhos, penteou as pestanas com rímel, com um pouco de base disfarçou as olheiras, o toalhete refrescou o sexo, acariciaram-se os lábios no baton, escovou o cabelo admirou-se ao espelho e tirou o colar da cruz, o telemóvel deu sinal de mensagem «amanhã fazes dois turnos a Cher está com o período»

Pensou que conseguiria gostar dele depois de casada, porque queria mesmo gostar, mas não foi capaz, nunca gostou dessa maneira, como gostam as outras mulheres, nem mesmo sabia o que se sente quando se está apaixonada, leu alguns livros românticos quando era nova, já tinha visto no cinema cenas apaixonantes, as novelas não falam de outra coisa, mas nada disso tinha significado para si, nunca tinha sentido nada parecido, tudo o que o marido fez nunca conseguiu despertar a paixão, embora se tivesse esforçado bastante acabou por desistir coitado, nada a conseguiu excitar nem por um momento, com ele nunca tinha tido um orgasmo, até que não conseguiu fingir mais, preferia que ele voltasse a casar com alguém que merecesse o seu amor, não valia a pena enganar-se mais tempo. Não volto para ele, ó filha disse a madame Piedade enquanto jantavam, há muitas raparigas que aprendem a gostar do homem com quem casam, isso vem com o tempo, não sei porquê mas é verdade, muitas vezes é passado muitos anos mas mais tarde ou mais cedo a coisa acontece, isso não me interessa, disse ela com firmeza, sei o que estou a fazer.

A sua vontade era felizmente mais voraz do que o apetite dos clientes, mas no fim dos encontros mostrava sempre um ar de dignidade ofendida, se mostrasse que tinha gostado eles depois não queriam pagar, um ou outro percebeu e ficou em estado de choque, confuso, não era suposto uma puta ter prazer, qual teria sido a reacção do marido se ela alguma vez se tivesse vindo toda à sua frente, não queria rir à custa disso mas o riso veio de dentro com vontade própria, santo deus como os homens são idiotas.

A escada não tinha luz ou então o seu acompanhante não a acendeu, ele ia à frente guiando-se pela mão no corrimão, quando chegaram ao patamar ficaram parados em silêncio escutando, não ouviram qualquer ruído, parados em frente à porta, junto ao chão desenhava-se uma linha de luz, não conseguia distinguir nitidamente o rosto dele mas sabia que olhava para ela. Vamos embora, não podemos voltar atrás respondeu ao mesmo tempo que tocava a campainha, o som prolongou-se num eco, do outro lado havia um corredor, ouviram passos que se aproximavam devagar, a fechadura girou, uma luz projectou-se em rectângulo cegando-os ligeiramente, uma silhueta recortava-se em contra-luz, ela não queria estar ali. Levou-a para um amplo salão através do longo corredor com todas as portas fechadas, o companheiro ficou para trás, o espaço tinha uma cama ao meio e o resto vazio, deite-se pediu o velho com bons modos, aproximou o rosto enrugado e segredou-lhe ao ouvido não tenha medo, ergueu-se lentamente observou o corpo perfeito abandonado no colchão forrado a cetim vermelho e saiu pela mesma porta por onde tinham entrado. As janelas estavam escondidas por cortinados em veludo castanho dourado, as lâmpadas do lustre veneziano por cima dela começaram a esmorecer até se extinguirem, ficou à espera mas não acontecia nada, os segundos pareciam horas, deitada de costas ela esperava sem

receio, não sabia porquê mas confiava nas palavras do que a tinha precedido no corredor, semi-voltado para ela com solícita cortesia, elegante mesmo na intimidade do seu lar, com um robe de seda azul sobre as calças de bom corte e um lenço atado por baixo da gola entreaberta da camisa, o cabelo ralo ligeiramente encaracolado, as sobrancelhas arqueadas com a displicência de velho dandy, um sorriso terno com alguma tristeza desenhava-se nos lábios finos e pálidos.

Não sabia se tinha adormecido mas quando deu por si havia mais gente na escuridão, ouvia os respirares, respirações distintas, umas ofegantes outras só com esforço adivinhava a sua presença, distribuíam-se à volta da cama, ela não tinha a certeza se estava de olhos abertos ou fechados, várias mãos tactearam o seu corpo uma delas repousou no peito, tinha os bicos das mamas excitados, sentiu lábios a comprimirem-lhe o mamilo, uma mão insinuava-se entre pernas, abriu-as desavergonhadamente, sentia na pele caricias suaves de mulher, na mão aberta abandonada no colchão pousou o membro erecto que pulsava, acariciou-o timidamente, várias mãos encarregaram-se de despi-la, desapertaram-lhe a blusa levantaram a saia tiraram-lhe as cuecas, alguém encostou a cara ao seu sexo e cheirou-o, as duas mãos ocupadas trabalhavam agora com afinco, pensou que não havia nada mais excitante que o desconhecido, um vulto indistinto deitou-se em cima dela, tinha o hálito fresco, um falo gigante penetrou-a, gemeu, o homem veio-se, e depois outro a seguir a outro, o sexo transbordava, como se a sua parte mais íntima fosse uma nascente de sémen, de súbito o vazio, estava de novo sozinha, encolheu-se como um feto e adormeceu.

Acordou aparentando uma taciturna calma exterior embora algo nela estivesse pronto para fazer face ao inesperado, a sala estava iluminada com a luz ténue vinda da porta entreaberta, compôs-se calçou os sapatos e levantou-se o que provocou uma ligeira tontura, tinha o corpo maçado, estranha noite, quem seria aquela gente, nunca viria a saber, eram o tipo de pessoa que não gosta de dar a cara, avançou hesitante pelo corredor iluminado, nunca se atreveria a abrir as portas fechadas, pelo silêncio diria que não estava ninguém em casa, a porta da rua não estava trancada, desceu as escadas um pouco mais depressa que o normal mas não o suficiente para se pensar que estava a fugir, o táxi parado na esquina estaria à sua espera, entrou e disse para onde queria ir com a maior naturalidade possível. Mais um dia de trabalho murmurou a meio do percurso, dois olhos observavam-na pelo espelho retrovisor.

Comprou uma televisão para o quarto, depositou na conta conjunta uma quantia outrora impensável, quando trabalhava nos bombeiros o ordenado não chegava nem para as despesas da casa, tinha saudades do seu menino mas não podia pensar nisso senão achava que não aguentava viver nem mais um instante longe dele, repreendia o pensamento e entretinha-se com outras coisas, distrações fúteis, comprar sapatos cremes para o corpo, recompensava-o pelo dinheiro que lhe dava a ganhar, não se importava que uma boa parte fosse para o amante que o dividia com a tia Piedade.

O quarto a seu lado foi ocupado por uma emigrante ilegal que falava a mesma língua, mas de forma tão arrevesada que a maior parte das vezes não entendia nada do que ela dizia, tinha um corpo escultural, quieta parecia uma estátua em bronze, mas era meio esgrouviada sem qualquer tipo de pudor enfiava no sexo pepinos e cenouras gigantes quando fazia o seu turno na sexshop, enquanto girava no estrado circular possuía-se a si própria com aqueles enormes vegetais, resultado, a clientela rural aumentou consideravelmente e isso fazia feliz a tia Piedade, o seu sonho era ter uma cobra igual à da Cicciolina, não dá pá aguentá muito tempo neste lugá mais um pouco e ponho-me a andá pá minha terra povo triste esse né? Começaram a partilhar clientes em hotéis caros, ganhavam aos poucos uma certa reputação, duas irmãs que tinham a particularidade de uma ter ar de nórdica e na outra reconhecerem-se traços africanos, os clientes matavam assim dois coelhos de uma cajadada. Não precisavam de dizer nada uma à outra quando trabalhavam em conjunto, adivinhavam o pensamento do hóspede e por mais asqueroso que fosse não descansavam enquanto não o deixavam satisfeito.

Acordou com os gritos, parecia que estavam a matar alguém no quarto ao lado, levantou-se e foi ao corredor, viu o proxeneta com a chibata na mão, do quarto vinha a voz da velha que insultava a sua falsa irmã, volta para dentro disse ele com ar ameaçador, tinha os olhos injectados de sangue, mas o que é que ela fez perguntou, andava a roubar-nos, escondia dinheiro a puta, que isto sirva de lição a ti também, apontou o pingalim ameaçadoramente antes que ela se recolhesse. Deu a volta à chave e deixou-se cair, dominava o pensamento, lembrou-se dos bombeiros da sala de convívio onde o futuro marido um dia lhe tinha pegado na mão convidando-a para dançar, quem diria que aquele pinga-amor se iria transformar num palhaço, não devia ser cruel, visto hoje à distância, a culpa não tinha sido só dele, mas era-lhe difícil perceber onde é que os dois tinham falhado, contudo ainda sabia com exactidão qual o dia e a hora em que ficou de todo e para sempre perdida. Tinha ido dar um passeio com uma colega do trabalho, ficaram a conversar no banco do jardim, nisto parou um carro elegante e a amiga com maneiras sedutoras levantou-se e meteu-se lá dentro, o carro arrancou, ela continuou sentada a tentar compreender o que à sua frente se tinha passado, naquele instante em que a amiga entusiasmada se tinha levantado e corrido para os braços do amante quando momentos antes tinha estado a falar

do quanto gostava do marido e dos filhos, começou a duvidar do amor a partir daquela cena, sabia que bastantes mulheres o faziam, porém nunca tinha acreditado que aquilo acontecia realmente, nada se comparava em desejo àquele amor discreto servil submisso secreto, inconscientemente caprichoso, como se o destino resvalasse para o abismo do prazer proibido, nesse dia fumou o primeiro cigarro antes de voltar para casa, a vida de casada não era o que tinha imaginado.

Quanto mais deprimida mais bonita ficava, a sua presença misteriosa a atravessar o lobby do hotel, dava-lhe ares de vedeta atrofiada, os hóspedes observavam-na com um misto de respeito e desejo, mesmo os que sabiam ser uma meretriz a caminho do seu ofício, da sua arte, odiava aquela gente, aqueles putanheiros disfarçados de homens honrados, aquelas mulheres mascaradas de homens de negócios, estava convencida que o mundo estar naquele estado era muito por culpa deles, ainda se fossem felizes mas por experiência própria sabia que neles também residia a paranóia e o desgosto, cada vez admirava mais o homem do livro, aquele a quem chamaram o Cristo, já não havia homens assim eram todos uns palhaços, palhaços ricos que os pobres espreitavam-na pelo estore todas as noites, santo deus gosto tanto de ser mulher

Sou um anjo

com as minhas mãos

distribuo o êxtase

o esquecimento

o gozo e o adormecimento

na sombra das minhas asas

mora o pecado

sou a esperança do último suspiro

sou o instrumento que destapa

o desejo no caixão

o meu voo é a revolta

o meu céu o abismo

Emoldurado no corredor fixava-a sempre com olhar julgador quando ela passava a caminho do quarto, dessa vez interessou-se pelo antigo ditador cujos traços revelavam algumas semelhanças com os do ex-marido, engraçado como as aparências iludem pensou em voz alta, a natureza das suas almas não podia ser mais diferente, o homem com quem casou e conheceu bem era um fraco, de uma inqualificável cobardia, o contrário daquela personagem que tinha dominado com pulso firme uma nação inteira durante quase meio século, mas pelo que sabia da história tinham algo em comum não gostavam de sair de casa. Ela pelo contrário sempre foi uma vadia, começou muito cedo a usar o seu corpo como moeda de troca, o seu único meio de sobrevivência, lembrava-se de bastantes homens, e teve-os muitos mais que à distância a sua memória recordava, na primeira fuga vieram os pais atrás à cidade procurá-la e foram ficando, não só por culpa dela, mas também porque quem sentia no corpo as privações do campo a vida na cidade apesar de tudo não tinha comparação, para o pai ter ingressado nos caminhos-de-ferro pela mão do amante da filha adolescente foi uma benção que agradeceu o resto da vida, a mãe nunca se adaptou realmente, raramente saía de casa, era aquilo a que se chamava uma doméstica, só muito mais tarde quando o corpo começou a acusar os maus-tratos passados no

campo, descobriu os hospitais e apaixonou-se morbidamente por eles, passava os dias nas salas de espera a fazer tricot, aguardava uma vaga para a consulta da especialidade de um dos males que sofria e se multiplicavam uns atrás dos outros numa ganância da dor inexplicável, adorava sofrer mesmo de dores inventadas, tinha uma relação amorosa com o seu espectro psicossomático que a acabou por matar a sangue frio, sem piedade... nem de propósito a velha observava-a ao fundo do corredor, estática, absorvida em pensamentos. A menina pensa demais vá-se mas é arranjar está quase na sua hora.

Tu não és uma puta normal disse o artista enquanto vestia as calças, tens prazer ou é impressão minha, a culpa foi tua, não subestimes a minha inteligência, aqueles olhos verdes que pousaram no seu corpo excitaram-na, a culpa era mais verdadeira do que ele pensava, aproximou-se, encostou o corpo ao dele e começou a descer lentamente, deslizou os lábios no peito forte entre a camisa aberta, quando chegou à cintura já o membro estava erecto, engoliu-o raspando os dentes e chupou com força, o artista gemeu possuiu-lhe a boca e veio-se nela, engoliu o esperma levantou-se e com os lábios peganhentos colados aos dele beijou ardentemente.

As meninas deviam ter carteira profissional disse o médico com a mão enfiada na vagina, ela com as pernas abertas apoiadas nos cavaletes da marquesa a olhar para o tecto, perversamente ou não possuía-a com os dedos para trás e para a frente, arde quando faço isto? um pouco doutor, o ardor era insuportável, terminámos descalçou a luva e atirou-a para o lixo, sentou-se na secretária a escrever enquanto ela se recompunha, tem uma ligeira infecção urinária e vamos fazer umas análises, os seus olhos frios encontraram os dela por acaso, tem de ter cuidado ainda é tão nova disse enquanto preenchia as receitas, quando terminou apoiou os cotovelos no tampo da secretária juntou as mãos e pousou nelas o queixo, olhou fixamente aquele rosto maravilhoso, não pode ter relações nas próximas semanas, foi como se tivesse dito aquilo a duas mulheres diferentes em frente a ele, uma ficou contente a outra preocupada.

A moldura humana rodeia a arena relvada, da potente aparelhagem sonora anunciam-se as novas contratações, o Hulk entra em campo, a multidão aplaude e acende very-lights verdes, os tambores ribombam na claqué da casa, os adversários provocam o ódio com assobios e insultos, a puta da tua mãe pode ter ali muitos sentidos alguns até carinhosos, da tribuna dos notáveis a vista é privilegiada, são servidos coquetéis por hospedeiras fardadas com as cores do clube. Estás a gostar filha? disse o presidente excitado ao ouvido dela, diz-me se alguém te faltar ao respeito aqui dentro és uma senhora, vira-se para a multidão abre os braços de punhos cerrados e dá um urro surpreendente.

A sua existência tomava um rumo estranho, podia-se dizer que dormia acordada, se alguém a visse sentada num banco de jardim ou a andar pela rua, decerto a tomaria por uma pessoa com a alma adormecida, o seu olhar estava privado de sentido, a sua distração ampliava-se, autoritariamente expulsava de dentro de si todas as emoções e sentimentos, apenas se animava um pouco com a chegada da noite, este estado desconcertava-a e a tortura mais terrível era que o sono começava a abandoná-la, ouviu falar de meios que o restabeleciam, bastava consumir algumas drogas, mas onde arranjá-las? lembrou-se que o proxeneta consumia cocaína e fumava charros, antes durante e depois de acasalarem, resolveu abordar a questão no encontro que tiveram nessa noite. Para que queres a droga? contou-lhe que sofria de insónias e por outro lado o seu corpo estava permanentemente adormecido, está bem dou-te a droga, mas tenho de te explicar como a coisa funciona, saiu de dentro dela e tirou do bolso do casaco um saquinho branco e uma bolota embrulhada em celofane, desenrolou-o e segurando-a entre o polegar e o indicador começou a raspá-la com os dedos da outra mão, alinhava partículas minúsculas na palma da mão aberta, dá-me um cigarro, juntou algum tabaco à linha de pólen e enrolou a mistura numa mortalha das grandes, olhou para ela com o mesmo olhar que um professor tem para o aluno depois

de lhe explicar uma matéria nova de particular agrado. A branca já sabes como é, fazes uma linha com o comprimento que o tempo te dirá ser o ideal, começa com linhas curtas, enrolas uma nota e aspiras com uma das narinas alternadamente, a cocaína dá uma energia física surpreendente, acorda e desperta os sentidos, o pólen adormece o corpo e relaxa os músculos, dá a ansiada dormência espiritual que permite suportar o calvário, mas atenção debes usar o estritamente necessário, se te esticas sofrerás a penosa existência da morte lenta do cérebro.

Sozinha no quarto acendeu o charro iniciático e deu um bafo generoso, ao gosto agradava aquele leve travo a ervas queimadas, deixou-se ficar deitada à espera do efeito mas não sentia nada excepto estar um pouco enjoada.

Santo deus, era ele! mas com um aspecto muito diferente, viu nele pela primeira vez um homem lindo, o seu fato respirava a simplicidade que só um artista é capaz de vestir, que bem lhe ficava o sobretudo em lã pousado nos seus ombros direitos, tudo nele parecia modesto, tudo nele tinha um sentimento de gosto misterioso, irreprimível, o seu andar era gracioso a subir a Avenida, ouvia o barulho dos seus passos na calçada, que bonita a sua mão a levar o cigarro à boca. Diz-lhe com lágrimas nos olhos, não me desprezes, não sou aquela por quem me tomas, olha para mim com atenção, julgas-me capaz de fazer aquilo que pensas? acordou comovida, a meio da manhã.

Eram mais ou menos este género de sonhos que passaram a ocupá-la permanentemente, criava uma relação imaginária com o marido e o filho, não pensava em mais nada, raramente comia e esperava com impaciência apaixonada a chegada da noite e a visão desejada, a ânsia constante das suas ideias acabou por se apoderar da sua vida e da sua imaginação, a imagem deles aparecia todos os dias de forma diferente, fora da realidade, os pensamentos dela eram puros como os de uma criança, e a coca escaldava-lhe as ideias. Se alguma vez existiu uma mulher apaixonada até ao último grau de loucura essa mulher era ela. De todos os sonhos havia um mais alegre, sonhava com a sua casa e estava feliz,

segurava a vassoura com tanto prazer, ele presente apoiava o cotovelo graciosamente no espaldar da cadeira e via-a a varrer, nos olhos dela lânguidos cansados transparecia o fardo do deleite, tudo no seu quarto claro bem arrumado respirava paraíso, santo deus inclinou o seu corpo para o peito dele e encostou a cabeça, não tivera alguma vez sonho melhor.

Talvez tenha caído na depravação por uma terrível casualidade, pensava, talvez o movimento da sua alma tenha tendência para o arrependimento, talvez anseie por sair da sua situação horrível, como poderia aceitar com indiferença a própria perdição, os seus pensamentos iam cada vez mais longe, ninguém me conhece, dizia para si mesma, e também quem quer saber de mim, nem eu quero saber deles. Se ele mostrar arrependimento sincero e mudar de vida volto para casa, passado o insensato pensamento sentiu o rosto a arder, observou-se ao espelho e assustou-se ao ver as faces cavadas e o rosto pálido, arranjou-se cuidadosamente, lavou a cara, alisou o cabelo, vestiu roupas simples e saiu para a rua, inspirou o ar da cidade e sentiu no coração a frescura do convalescente que sai pela primeira vez à rua depois de prolongada doença, as batidas aceleradas pela linha de coca que snifou antes de sair de casa.

Era demais, tornara-se impossível suportar, precipitou-se para fora do palco giratório de cabeça e sentidos vazios, a mente turva, sem encontrar um caminho sem tino sem ver sem ouvir vagueou a noite toda, sem saber por onde, só quando o instinto cego a levou de volta ao quarto, pálida com um aspecto medonho, o cabelo desgrenhado, sinais de loucura no rosto, fechou a porta à chave enrolou um potente charro, deitou-se na cama e acendeu-o na lâmpada incandescente do candeeiro da mesinha. Nossa senhora olhava para ela, santo deus não olhes para mim assim.

Demorou a encontrar a casa, parecia que a memória a traía, andou rua abaixo rua acima sem saber onde parar, por fim uma delas pareceu-lhe familiar, bateu à porta, a porta abriu-se e saiu ao seu encontro o modelo real dos seus sonhos, aquela era a sua vida tão terrível, tão sofredora, tão doce, era ele em pessoa à sua frente, ela tremeu de fraqueza e do ímpeto de alegria que a atingiu mal se aguentava nas pernas, ali estava ele à sua frente, maravilhoso como o tinha imaginado excepto o penteado, embora tivesse os olhos inchados de sono, devia ser madrugada, embora uma ligeira palidez lhe cobrisse a face era belo. Porque fugiste de nós? ele sentou-se no banco da cozinha e olhava para ela, agora voltei, impossibilitada de dizer mais palavras, mostrava-se para ele como se o seu corpo magro lhe mostrasse o

panorama completo da sua vida, decidiu ver se conseguia convencê-lo com explicações, cobrando ânimo, com voz trémula e ao mesmo tempo ferosa, começou a traçar a situação terrível que tinha vivido desde que tinha saído de casa, ele ouvia-a com aquele ar atento de quem depara com alguma coisa inesperada e estranha, é verdade que somos pobres, rematou finalmente o longo sermão, mas vamos trabalhar, tentaremos melhorar a nossa vida com o nosso esforço conjunto, não há nada mais agradável que estarmos juntos... mas como, interrompeu-a ele com desprezo, se já não te amo!

Acordou com a dor aguda provocada pelo cigarro caído no seu peito.

A madame com presságio estranho chamava por ela no corredor batendo com os nós dos dedos na porta do quarto, ela sentia-se tonta, sentia o lençol molhado com o sangue que jorrava do seu pulso, a outra mão segurava o canivete da nossa senhora de fátima que em tempos lhe oferecera o paizinho.

Talvez volte, talvez tudo isto não tenha passado de uma paragem no tempo, na verdade ninguém pode impedir a alma de ter o seu espaço próprio, ninguém a segura quando decide pôr-se em movimento.

Movimento
de
Alma
poema

a. guerra santos

As luzes da margem sul brilham vivamente, até ao instante que a luz da madrugada as extingue, mas desde o dia em que fizera anos as coisas dentro da sua cabeça tinham-se complicado, e havia-o assaltado uma grande tontura que fizera perder o equilíbrio, um desequilíbrio-dúvida que punha em causa o que estabelecera em relação ao trabalho e a vontade de mudar de vida. Dias antes tinha pensado chamar a mulher, fazê-la sentar-se a seu lado e discutir com ela essa vontade de mudança, mas antecipadamente estava a vê-la e a ouvi-la perguntar, para onde, porquê, com que dinheiro e com que fim, para a mulher era tudo muito claro e assente na cabeça. Nos próximos tempos tinha de trabalhar mais, fazer horas extraordinárias, até juntarem dinheiro suficiente para o menino pôr o aparelho nos dentes, então para que iria perturbá-la, porque não a deixava em paz, pensava subindo a rua indiferente ao trânsito e aos peões, agora a luz era tão intensa que a sombra dos telhados desenhava uma faca no passeio em cima da qual caminhava. Dez horas, vou ter de passar dez horas naquele escritório, parou, sentiu-se levado por uma espécie de desânimo que o fazia vacilar entre ficar-se, conformado, ou envolver-se com aquela ideia meio abstracta, vou desistir, não vou aguentar, dez horas era a meta imposta, se é essa a meta porque não alcançá-la, tenho trinta e cinco anos, por acaso sou velho, foi um

instante determinado, tenho de estar aqui até à noite, resistindo pelo bem estar do pequeno. Ouviu bater as badaladas dessincronizadas das igrejas, ouviu uma ouviu duas ouviu três, psst psst, o colega acenava à porta da tasca no outro lado da rua, anda beber um copo pá ainda é cedo, não tinha vontade mas assim sempre desviava a turbulenta consciência.

Subiu as escadas, no andar do cabeleireiro encostou-se ao corrimão, era como se continuasse a subir deixasse de viver, abrir a porta do escritório era com se estivesse a dar cabo do futuro. Então vizinho as segundas são sempre difíceis, disse a cabeleireira enquanto abria os cadeados das grades que os larápios já por duas ou três vezes tinham dado cabo levando os secadores. Nos tubos do néon demoravam a iluminar-se as letras do Salão Paraíso, afinal estava tão perto dele, ao preço de um corte de cabelo, todos temos pensamentos mais ou menos secretos que por vezes nos fazem sorrir. Bom dia tão bem disposto até é de admirar, disse, irónico o seu superior ao passar, julgando que o motivo de tal boa disposição se devesse à visão dos peitos avantajados da cabeleireira prestes a explodirem do soutien rendado, fez o sorriso envergonhado, já estou a ir chefe.

Talvez não mereça outra vida, talvez não venha a sobreviver muito mais tempo, deu-lhe um arrepio por a ideia da morte lhe surgir como bela e encantadora. Quando a mulher entrou na sala de jantar com a travessa de esparguete à bolonhesa, foi buscar a garrafa de vinho à cozinha, a luz fluorescente revelou o rosto carrancudo e acentuou-lhe a tristeza, tinha os olhos frios, gostava do tinto fresco, antes de se sentar à mesa imobilizou-se um momento com a cadeira suspensa na mão, vê a mulher com aquela expressão velada característica das mulheres que fazem um exame ao marido, a manga do seu vestido roçou pelo braço dele quando serviu a massa, silenciosa, imperturbável, ele estava imóvel de cabeça inclinada para o prato, uma leve agitação nas pálpebras, foi nesse momento que o sogro entrou, conduziu-o pelo braço, sentou-o e este aguardou obedientemente, com a avidez hesitante de um homem a quem só resta um prazer, além de quase cego era praticamente surdo, começaram a comer mas o velho continuou imóvel de cabeça inclinada para o prato, uma leve agitação na pálpebra, depois tateou com a mão trémula receosa, encontrou um pedaço de esparguete pegou-lhe e começou a chupá-lo até levar uma palmada na mão, use o garfo, o menino fica na madrinha esta semana disse ela, terminada a refeição levou-o de volta ao quarto.

Subiu as escadas como se não conseguisse viver sem as subir, ainda só era terça-feira, não parava, tinha a ideia que se parasse daria o seu último suspiro, quando entrou no escritório atrás dele entraram dois colegas, um era gordo pesadão o outro lingrinhas e rápido, tinha-os ouvido rir à gargalhada no andar do cabeleireiro, a cena de ontem devia ter corrido pelas secções era um homem marcado, aquele de quem se fala pelas costas, ele próprio já tinha feito o mesmo, a outros colegas considerados esquisitos, houve um gozado durante imenso tempo, foi despedido porque lia no trabalho.

Ainda estou para conhecer uma mulher que seja capaz de se interessar por mim, atravessou o largo com a estátua do poeta, sabia que precisava de meter alguma coisa no estômago mas não tinha tempo, o cigarro caiu-lhe da mão, apanhou e meteu a beata na boca, porco imundo pensou, um tipo do outro lado da praça observava-o, espoliava roubava-lhe a ausência, as entranhas enrolaram-se geladas tentou disfarçar o vômito, nunca tinha vomitado no meio da rua. Desceu as escadas rolantes, também lá em baixo se aglomeravam mulheres à volta dos tecidos em saldo espalhados nos balcões ou em tubos enfiados em caixotes, raparigas jovens que pareciam réplicas filhas das mulheres que as acompanhavam, deu uma olhada geral à praça, passou por baixo do arco que não sabia como se chamava e logo

à direita entrou no antigo Animatografo, hoje peepshow do Leste.

A maquilhagem era outra bem diferente da semana passada, a boca era a mesma não gostava de se mexer, ficou vermelho quando o estore se abriu lentamente, igual aos que se usam no exterior das casas, ela de pernas abertas exibia o sexo depilado deitada no estrado giratório em carpélio rosa, as persianas à sua volta subiam desciam voltavam a subir, ao ritmo do euro por minuto enfiado na ranhura lateral, meteu a segunda moeda ao mesmo tempo que sujava o vidro fosco em frente, assim ela sabia quem merecia o sorriso condescendente, saiu do compartimento ainda com o estore aberto, de olhos baixos o velho de balde e esfregona na mão à espera que alguém saísse.

Vindo da cozinha entrou na sala de jantar com o rosto petrificado, a luz do tecto ofuscou-o completamente, passados instantes viu o velho sentado à mesa. Não há jantar paizinho, a sua filha foi-se embora deixou-nos, puta, balbuciou o velho, agora é que vai mesmo de ter que ir para o lar paizinho, os olhos velhos ficaram húmidos e floresceram remelas aos cantos, tomado de comisseração foi ao congelador buscar os canelloni, atirou-os para dentro do micro-ondas e ficou a ver o prato a girar no compartimento iluminado, gostaria de ver as moléculas d'água agitarem-se freneticamente, o cigarro esquecido na mão aquecia as pontas dos dedos, apesar do sofrer ser inevitável sentia-se aliviado, alguém tinha agitado as coisas por ele, a sombra do fogão reflectia-se no caixote do lixo, o plim do temporizador trouxe-o à realidade, a dor aguda nas pontas dos dedos despertou-lhe os sentidos, levou a mão à boca para beijá-los, o cuspo alivia o ardor. Meteu a embalagem à frente do velho, o que é que ia dizer ao filho como é que lhe ia explicar que a mãe se tinha pirado, comia como um cão, dava dentadas na massa recuava ligeiramente para mastigar antes de nova investida, que nojo abandonar assim o pai, doíam-lhe as têmporas massajou-as com os dedos, o sogro lambia o alumínio, aquela luz dava cabo dele, adormeceram sentados no sofá em frente ao televisor apagado.

Na tarde seguinte regressava a casa ao lusco fusco, quando as luzes começam a acender e as mulheres de belas pernas entram nos automóveis e autocarros, à porta da igreja um homem que parecia o papa entrega-lhe um folheto, hesita mas aceita e mete-o no bolso, já é quarta feira. Atenção senhores passageiros à passagem de um comboio sem paragem na linha quatro, pedimos que se afastem da extremidade da plataforma, sente-se de súbito obcecado pela fantasia delirante de se deixar levar por um impulso, nunca tinha sido mórbido, nunca lhe tinha entrado na cabeça a ideia do suicídio, agora que ela acabava de entrar achava isso admirável, um esplêndido remate, um desfecho perfeito da sua breve e excitante vida, tira o prospecto do bolso « *a caridade que Jesus testemunhou com a sua vida e sobretudo imortalizou com a crucificação, é uma força propulsora fundamental, para o desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade, o amor e a caridade, como uma força só, impele as pessoas a comprometerem-se, ganhando coragem e generosidade, são forças que associadas a Deus, à fé e à esperança ajudam cada um a encontrar-se consigo próprio, torna-te livre, todos os seres humanos sentem o impulso interior para amar, amor e caridade nunca desaparecem de todo em ninguém, Jesus na busca do amor, desvenda-nos em plenitude, a iniciativa do amor, o projecto de vida que Deus espera de nós»*

Não se conformava com a confusão que era a humanidade, a vida podia ser tão simples mas só de modo obscuro se obtinha a ternura, sentia a falta dela tinha de confessar, numa quinta-feira normal iria ao futebol, ou era à quarta, não se reconhecia, não era desagradável a ideia de um homem novo subir a mesma escada. No sábado vou com o puto à praia, sacudo-lhe as mãozitas dou-lhe beijos na testa, chovia sem parar, se ela voltasse perdoava-lhe tudo e mesmo assim continuava em dívida, a culpa era toda dele, deixou morrer a paixão, quando o fogo se começou a extinguir não fez nada para o avivar, o tempo tinha passado, como se não passasse, lembrou-se do ditado, ser pobre não é vergonha nem devia ser tristeza, longe do rico anda às vezes a bondade e a beleza, encoberto pelos papéis espreitava o folheto *«a caridade dá verdadeira substância à relação pessoal com Deus, com o próximo, é o principio não só das relações estabelecidas entre amigos, na família, nos pequenos grupos, mas também nos relacionamentos íntimos, para a igreja, inspirada nos evangelhos, a caridade domina, como recorda Bento dezasseis na carta encíclica Deus caritas est, da caridade de Deus tudo provém, por ela tudo toma forma, para ela tudo tende, a caridade é o dom maior que Deus espera dos homens, é a sua promessa e a nossa esperança»*

O círculo cresce, alastra a partir do centro, calvície franciscana, naquele momento deu-se conta disso, assim também a sua nova existência alastrava lentamente, um colega hirsuto e quadrado, um infatigável colecionador de anedotas obscenas, gostava muito de com os dois cotovelos apoiados na secretária, dar a sua versão pessoal sobre acontecimentos que diziam respeito à vida dos outros, parece o mais gentil dos homens com o seu tom coloquial, ela volta não te preocupes voltam sempre quando percebem que a vida não é uma novela, concluiu em desabafo quem me dera que a minha desse de frosques por uns tempos, fugir nunca é solução há que pegar o touro pelos cornos salvo seja, quanto mais mórbido fosse o pensamento maior era o seu grau de satisfação, havia que manter a consciência aliviada. Uma desgraça nunca vem só, é muito abonatório para si que apesar da crise que atravessa continue a ser um funcionário exemplar, rematou o chefe negando-lhe os dias de férias pedidos com uma palmadinha nas costas.

Atrás dele acumulam-se passageiros, um barulho de vozes enterradas, enquanto que à sua frente outros se amontoam esmagando-lhe os olhos fazendo explodir como estrelas as luzes da carruagem, estrangulando-o com o seu sopro as vozes ao telemóvel, tanto mais altas quanto mais frenéticas. Ouve um bater de asas ouve-as à frente por cima atrás, depois fecham-se as portas, no lugar onde está atulhado encontra paz na imaginação, novo ruído portentoso anuncia o movimento da carruagem, o anjo do desespero ainda o ouço.

Esperava, porque a fuga lhe negava a sua condição, afastava assim previdentemente a vontade de não esperar, era um homem que sabia esperar, depois de perder a mulher, porque a possuiu poucas vezes a seguir ao parto porque olhou quando não devia ao tirarem a criança para o mundo dos vivos, não lhe restava mais nada a não ser talvez ficar à espera que ela voltasse, tinha deixado o folheto preso pelo íman à porta do frigorífico « *no cristianismo refulge a caridade e nele pode ser autenticamente vivida, a fé é a luz que dá sentido e valor à caridade, esta luz é simultaneamente a luz da razão através da qual a inteligência chega ao entendimento natural e sobrenatural da caridade, identifica o seu significado de doação acolhimento e comunhão, sem fé a caridade cai no sentimentalismo, sem amor a caridade derrapa na frivolidade, sem*

humildade a caridade confunde-se com arrogância, sem esperança a caridade é condenação, o amor torna-se um invólucro vazio que se pode encher arbitrariamente, é o risco fatal do amor numa cultura laica acaba prisioneiro das emoções e opiniões contingentes dos indivíduos, uma palavra abusada adulterada chegando a significar o oposto do que se pretende que seja, a humildade liberta a caridade dos estrangulamentos do ressentimento que impede os relacionamentos sociais, a caridade reflete-se na grandeza da intenção de Jesus»

O puto não queria ir tinha de regar os campos de farmville, vendeu-se à promessa de um bigmac e a tarde foi agradável, os dois estranharam a natureza, a fome do mar comia a areia o barulho das ondas tinha qualquer coisa de alarve, gostaram da sensação da liberdade ao dia de semana dava-lhe um requintado sabor, saber que podia ser despedido dava-lhe um perverso prazer, que se lixe o chefe, não se diz asneiras pai, regressaram a casa com um alegre cansaço.

A sua velha cabeça apoiou-se no braço do genro, algo sombrio misturava-se nas suas faces, sentiu-se pesar no quarto a sombra das asas do arcanjo fúnebre, de súbito o arcanjo partiu, a luz voltou, qual a causa desse prodígio, foi o Deus lá de cima ou então o Jesus compassivo com os infelizes, foi efeito de secretas orações ou medo da mulher, nunca saberemos, na incerteza rendemos graças a todas as companhias até as que não conhecemos, em todo o caso aquilo que é certo, o que mais importa é que a partir daquele momento, aquela frágil figura quase morta escapou ao abraço do arcanjo e ressuscitou, o genro beijou-lhe a testa deu-lhe a mão, mão de trabalhador que nunca tinha repousado na vida, e sem melancolia ajeitou-lhe a almofada, sentado na cama viu-o adormecer, com um sorriso enternecido pensou onde andará a Glória?

A rã banhava-se na água morna, ele ia aumentando progressivamente a temperatura vertendo água a ferver no lago, a rã ia-se deixando cozer alegremente sem sequer dar por isso. As noites estão diferentes, negro é o espaço muito negro, essa sua vontade de compreensão ganhava formas radicais, dolorosas para lá de todos os consensos impostos, nada era o que parecia. Atravessado pela dúvida crescia o desespero alastrava a culpa, não podiam dominá-lo, não queria uma existência sofrida, a culpa tem de ser lavada, viver simplesmente era uma lembrança boa do passado, não conseguia compreender então porque é que a sua vida tinha mudado, porque tinha negado a sua simplicidade, pensar e agir como antigamente tornara-se agora impossível, a sua experiência tinha de dispor de espaço, mesmo que não quisesse, tudo isto se passava na esfera do pensamento, na realidade tudo permanecia igual excepto o facto de a mulher os ter deixado.

Nos últimos tempos interessa-me o problema da relação com o tempo, o chefe atónito olha para ele, você anda a ler, deram-me este folheto, eu vi logo que isso não vinha da sua cabeça, a minha experiência e posição obrigam-me a dar-lhe um conselho, afaste-se da igreja enquanto vai a tempo.

Falando sozinho na sala, o fim o recomeço e tudo isso pareceria uma tragédia clássica se a mediocridade não fosse tão presente, se a vulgaridade não a assemelhasse mais a uma novela sem audiência. Que queria dizer o chefe com enquanto ainda vai a tempo, o que poderia acontecer a um homem com fé?

Desculpe chefe mas tenho de lhe perguntar uma coisa, posso entrar, diga lá sente-se parece agitado a sua mulher voltou, nada disso não dormi a noite toda a pensar no que ontem me disse, não me lembro, para me afastar da igreja enquanto era tempo, o que queria dizer com isso? o chefe levantou-se aproximou-se da janela e olhou para fora, já fui crente católico praticante, regressou ao lugar acendeu uma cigarrilha que tirou da caixa pousada na secretária, sirva-se, um gesto educado recusou a oferta, as virtudes cristãs são uma forma de vida que no nosso mundo não tem lugar, olhe à sua volta nós vivemos no purgatório capitalista, sorriu da estranha ironia, conhece algum santo que não tenha sido desprezado no seu tempo não fosse vitima da sua fé não tenha sido condenado pelo seu amor ao próximo, se você se tornar um homem santo um verdadeiro cristão, vai ser humilhado espezinhado pelos seus semelhantes, sem apelo nem agrado fazem de si mais um exemplo que dos fracos não reza a história.

Acordou com o ressonar do sogro, ao principio assustou-se, havia muito que não acordava de noite por causa daquele ruído medonho, ficou completamente desperto, não fazia ideia das horas mas ainda era escuro, o vento soprava forte, desde que moravam naquela casa depois da morte súbita da sogra ouvia o ressonar do velho, o seu ruído tremendo, ficou mais uma vez à escuta do som constante martelando na parede delgada que separava os quartos, havia muito que se habituara ao som rítmico do seu sono e geralmente dormia sossegado a noite toda, virou-se na cama e abraçou-se à almofada na esperança que senti-la junto ao peito o ajudaria a esquecer a infelicidade, contudo sabia que naquela cama larga nunca conseguiria fugir à solidão, se ela estivesse ali ao seu lado apertá-la-ia nos seus braços com carinho beijá-la-ia até adormecer de novo. Desde o primeiro dia de casados que era assim, não sabia se seria possível habituar-se a estar só, tentou não pensar nisso mas não conseguiu os olhos encheram-se de lágrimas que a pouco e pouco ensoparam a almofada, lembrava-se nitidamente da primeira vez que a tinha visto, era fim de outono, das árvores altas perfiladas na rua caíam folhas de um castanho dourado, ela fardada à porta do quartel dos bombeiros sorriu para ele e disse boa tarde vizinho, ele fez-lhe continência com um gesto garboso e perguntou-lhe em tom amável se ela não estaria disposta

a apagar-lhe um fozozito qualquer, o sorriso dela transformou-se num riso malicioso, era tão alta e esguia, ficava-lhe tão bem o uniforme azul com os cabelos loiros ao vento. Não se brinca com o fogo, levantou-se foi ao frigorífico buscar o folheto « *porque repleta de razão, a caridade pode ser compreendida pelos seres humanos na sua riqueza de valores, partilhada e comunicada, com efeito a razão é "logos" que cria dia-logos e conseqüentemente comunicação e comunhão, a razão fazendo sair os homens das opiniões e sensações subjectivas insubstanciadas permite-lhes ultrapassar determinações culturais e históricas impostas, para se encontrarem na avaliação do valor e substância das coisas, a razão abre e une as inteligências no logos do amor, tal deve ser o anúncio e o testemunho cristão da caridade no actual contexto social e cultural, em que aparece generalizada a tendência de relativizar a importância do conhecimento, viver a caridade na razão leva a compreender que a adesão ao cristianismo é um elemento útil para a construção de uma sociedade melhor e de um bom desenvolvimento humano, um cristianismo de caridade sem razão, pode ser facilmente confundido com uma reserva de bons sentimentos, úteis para a convivência social mas inconscientes, deste modo deixa de haver propriamente lugar para Deus no mundo, sem a razão a caridade fica confinada a um âmbito restrito e carecido de relações, fica excluída dos*

projectos e processos de construção de um desenvolvimento humano de alcance universal do diálogo entre o saber e a realização prática»

O rressonar forte no quarto ao lado parou de súbito, escutando atentamente ouviu a cama ranger, deu conta do som estranho do vento frio, um assobio secreto, com as mãos a tremerem aconchegou os cobertores, a casa estaria ainda mais fria pela madrugada, lembrou-se do filho, quando dormiam na cama os três o inverno era aquecido, desejou regressar ao passado, com um suspiro esforçou-se por aceitar o facto que tudo era agora diferente, não se pode voltar atrás.

Nunca foi bonito, o cabelo escorrido colava-se pastosamente à cabeça, sem vida, não havia vento que o despenteasse mais que levemente quando a rajada passava, logo a seguir voltava a colar-se à cabeça, os cabelos uniam-se uns aos outros tinham uma adoração total uns pelos outros, não se afastavam mais que uns milímetros o estritamente necessário para os debaixo apanharem um pouco de ar, era como se em toda a sua vida tivesse tido o cabelo sempre molhado, o perfil acutilante tinha parecenças com os personagens sinistros da história, o nariz demasiado comprido, aquilino, marcava a característica de um severo contido, era mais alto do que parecia, se não andasse tão curvado podia ser um homem elegante se lhe aliviassem a sobrecarga nos ombros, podia até ter sido alegre na juventude mas o tempo encarregou-se sabe-se lá porquê de o tornar num homem triste. O extraordinário empenho que tinha posto

na tarefa de a conquistar, com galanteios, gestos educados que tinha ido buscar não sabia bem aonde, os pensamentos em delírio na imaginação daquele corpo esguio, o cheiro a leite da sua pele reclamava o efeito da erecção permanente sempre que estava com ela, isso hoje parecia-lhe uma memória estranha de um passado que não tinha sido o seu, de alguém que não era ele, porquê? o que é que tinha acontecido para que ele se tivesse tornado naquilo que agora era, um falhado, mas falhado em quê? há sempre o oposto filosófico pensou sorrindo, o que é ter sucesso? tinha estado a jogar ténis com o chefe que desde a conversa daquela tarde revelara-se um homem amável condescendente com as dúvidas do subalterno, o clube estava apinhado daquilo que as revistas chamam de gente bonita, como se todos os outros fossem de beleza duvidosa na perspectiva do parceiro, tinha alguma habilidade a jogar não mais que isso, o ambiente era requintado as senhoras bem vestidas dentaduras saudáveis, tudo com bom ar, havia mais respeito mútuo, lembrou-se da associação recreativa do seu bairro, as roupas chinesas os corpos maltratados a ginjinha com gelo num copo de whisky, mas o ritual era o mesmo, cada um a querer destacar-se dos outros a esforçar-se por ser o mais interessante sobressair dos demais. É tudo a mesma coisa respondeu o mestre satisfeito com a observação do discípulo, só que aqui há mais preconceitos, gosto de si, há poucas

peças com humildade suficiente que lhes permita aprender, deixe-me contar um sonho que guardo na memória de um dia as pessoas todas perceberem que se andam a enganar a si próprias, num momento determinado caírem todas ao mesmo tempo em si, o que andamos a fazer à nossa consciência, afinal não nascemos para criar, a partir desse momento interrogam-se uns aos outros tentam juntos resolver o problema, chegam mais tarde à conclusão que sendo tantos podiam dividir equitativamente as tarefas uns trabalham de manhã outros à tarde alternadamente, reduzem-se as horas de trabalho aumenta-se o tempo para criar ou para procurar o que de útil a inteligência de cada um pode dar aos outros, um sonho claro.

Ultimamente andava um pouco mais animado, não sabendo bem porquê, as coisas iam ficando mais claras, chegou a ter o piscar da ideia luminosa em relação a alguns aspectos práticos da nova vida, o retorno do filho a casa revelou-se uma maravilhosa surpresa, encontrou nele um companheiro fiel, um fã incondicional como só as crianças sabem ser, começaram a pintar a sala de cor clara e mais tarde viriam os quartos, deitaram os móveis antigos para o lixo, os bibelots num sábado divertido venderam-nos na feira da ladra, os que sobraram partiram-nos à pedrada no jardim abandonado nas traseiras da casa que entretanto recuperaram, construíram um lago para os girinos que foram com o camaroeiro do sogro apanhar no esgoto a céu aberto que passava perto de casa, idealizaram uma futura horta. O velho resmungava arrastando-se de um lado para o outro, a tensão aos cantos dos lábios desmascaravam-no, estava satisfeito com a reviravolta, já tinha perdido a esperança de vir a ser surpreendido. No dia seguinte morreu, foi dormir a sesta e adormeceu para sempre com um sorriso nos lábios, paz à sua alma, ficou admirado com a aceleração que a morte provoca no esquecimento, já mal se lembrava dele e ele ainda nem estava enterrado.

No cemitério sentiu-se estranhamente abençoado, nada de palpável tipo acariciar um botão e a rosa florir à sua frente, talvez os milagres fossem de outra ordem, sorria enquanto o corpo descia à terra, a alma subirá ao céu? tinha dúvidas, o filho alucinava sentado numa campa abandonada conversava com os gromitis alinhados em frente, o trabalho estava feito, os da funerária foram-se embora, o coveiro de pá na mão aguardava em silêncio de vez em quando pigarreava e cuspiam para o lado, os dois olhavam para o buraco onde repousava o caixão. Era o seu pai? perguntou o homem sentido-se na obrigação de dizer alguma coisa, o padre não apareceu cabrão quando não lhes cheira a dinheiro nunca aparecem, com as narinas puxou o escarro e engoliu em seco, quer que eu diga alguma coisa, o quê, não sei um pai nosso sei lá qualquer coisa que o acompanhe na despedida, ele não acreditava em Deus, e se Ele existe acha que o aceita lá não sendo crente, não faço ideia. Não me preocupo muito com isso sabe para mim é como enterrar um cão, desculpe a comparação, eu entendo é apenas um corpo morto, é isso, diga lá o pai-nosso e dê-me a pá. Ao ritmo da reza com pazadas decididas cobriu de terra o esquife, a criança julgando que se tratava de uma brincadeira ria-se a olhar para a cena.

O depósito ter sido feito no norte aliviou-o, pelo menos não estava no estrangeiro, ao filho colocou o aparelho nos dentes e num ingénuo acto de vingança comprou para si uma raqueta de ténis, não mexeu no resto do dinheiro. De onde vinha a sua tristeza que o consumia por dentro, fumava demais, fodia de menos, às vezes gostaria de afogar a tristeza infelizmente não era dado à bebida. Você, disse o chefe com uma indignação cortês, não tenha pena de si próprio, é o pior que se pode fazer, corrói a razão, vá por mim, ter pena de mim próprio transformou-me num alcoólico, o verdadeiro militante da bebida não é aquele que anda a cair de bêbado pelos cantos esse já está perdido já não existe nem para si próprio, agora aquele que metodicamente vai ingerindo o veneno apaziguador ao longo do dia, que já não vive sem a dormência permanente do corpo e na alma, que acha nos breves momentos de lucidez que está no inferno, esse está condenado a uma existência dependente até que mais tarde ou mais cedo pagará o preço do pecado de ter pena de si próprio.

Foi uma criança imaginativa, gostava de se isolar e criar um mundo próprio, o filho fazia o mesmo e provavelmente todas as crianças, como estavam distantes os dias felizes incompatíveis com a lucidez, lembrava-se de conduzir com a vareta em ferro o aro raiado de uma bicicleta sem pneu, desafiavam obstáculos por vezes o aro distanciava-se mas antes que parasse já a sua mão segura manobrava a vareta e imprimia-lhe novo fôlego, liderava os seres imaginários que o acompanhavam, uns eram invenções suas outros criações autónomas mas todos respeitavam a sua vontade, havia sempre uma rapariga eleita no seu coração mas que mudava frequentemente, a Leocádia do terceiro andar despertava o seu lado artístico, dedicava-lhe baladas na moda enquanto ela lanchava à varanda, a Dália que morava ao lado acendia-lhe o "piloto", mas de repente não sabia precisar quando a sua alma apagara-se definitivamente.

Saiu do Salão Paraíso a sentir-se outro, o ter rapado o cabelo teve o efeito do Sansão ao contrário, deu-lhe força sentia-se mais leve andava mais direito parecia mais alto, comprou a prestações um fato de bom corte, opá nem parece o mesmo gajo o nosso ténis anda a fazer-lhe bem. Jurou a si mesmo não voltar ao Animatografo aliás se não fosse casado a sua vontade era ir para padre, uma ideia impossível que o deixava bem humorado, já não atrofiava nos almoços com os colegas e via-os como os pobres de espírito onde exercia a nova caridade, aos poucos ia apaziguando a raiva pela humanidade, conseguia entender claramente certos esquemas do universo a que pertencia, se a Glória voltasse não o reconheceria.

Aborrecido no trabalho escreveu "Glória sexi" na pesquisa do google, pelos vistos a sua amada era famosa tinha até um vídeo no youtube, clicou com receio no link, uma índia banhava-se na água turva que podia ser do Ganges e fazia boquinhas para a câmara a acariciar os mamilos, ele sorria para ela sem se dar conta disso. Areia demais para a tua camioneta disse o colega em pé atrás dele a olhar para o visor, mais uma vez o seu nome iria estar nas bocas de toda a gente, ficou admirado consigo próprio pela importância que dava ao facto não ser a mesma de antigamente, abriu a gaveta da secretária tirou a carteira levantou-se confiante meteu as mãos nos bolsos e calmamente atravessou o openspace com todos os colegas a olharem para si.

Não havia nada de melhor que a Avenida principal da cidade, em mais nenhum sitio se cruzavam com tanta naturalidade as beldades com habitantes pálidos e funcionários tristes, a Avenida arrebatava não só quem tenha a fogueira da juventude mas também todo aquele que lentamente saboreia o cansaço, quando entramos na calçada nem que tenhamos um assunto premente e indispensável para tratar quando caminhamos por ela afora esquecemo-nos de todo e qualquer assunto, talvez seja o único sitio onde as pessoas não vão por necessidade, para onde não as empurraram os problemas e o interesse que dominam toda a cidade, excepção aos mendigos, dá a ideia que as pessoas com quem nos cruzamos são menos egoístas que as das outras ruas onde a cobiça e a ganância marcam os rostos, é um lugar de comunicação em geral, aqui o morador dos subúrbios sente-se entre iguais pode pedir lume a um actor ou cravar o cigarro ao artista que passa, não existe revista ou jornal que esclareça tanto, basta encostarmo-nos a uma fachada e observarmos quem passa, única distração possível de quem não tem recursos nem para um café na esplanada, os telemóveis passeiam-se nas mãos à espera daquela chamada que risque no ar um som original que dê nas vistas, ao longo dos dias o quanto se aprende na Avenida compensa a falta do grau académico é a universidade da vida. Ao

amanhecer quando toda a cidade cheira a gasolina a Avenida cheira a pão quente, enquanto os pedintes marcam o seu lugar os passos são apressados dos que vão para o trabalho, os comerciantes abrem as lojas os empregados varrem as entradas, aqui e ali destoam pés sonolentos, a essa hora a Avenida não é objectivo é o meio de chegar aos empregos, as beatas abrem as igrejas e vão acordar o padre, quando chega a hora do almoço funcionários nos seus fatos amarrotados com gravatas coloridas dão alguma cor às tascas oleosas do fumo das bifanas, a Avenida apinhada de gente de toda a espécie, empregados de várias nacionalidades caminham em grupos e dizem larachas incompreensíveis uns para os outros, à hora do almoço fazem e desfazem-se amizades e acordos profissionais, quando todos regressam ao trabalho já meio alcoolizados é que a Avenida mostra o esplendor da classe dominante a consumir, encontraremos seres divinos com peles cheirosas e rejuvenescidas, perfumes exclusivos mesclam-se no ar, os turistas passeiam-se delirantes e disparam mega pixeies sem qualquer objectivo, tudo o que encontramos a essa hora na Avenida é imbuído de decência, em lado nenhum se trocam cumprimentos de maneira tão educada e espontânea, encontramos sorrisos únicos, sorrisos artísticos, alguns derretem-se de prazer, há o sorriso que nos acanha e nos leva a baixar a cabeça, ouviremos pessoas a falar de um concerto ou do

tempo com um interesse extraordinário, há muitas pessoas que se olham e seguem em frente como se não se tivessem visto, era incompreensível para ele a razão porque isso acontecia. No Café os artistas reformados insurgiam-se contra o esquecimento a que tinham sido votados, pede uma bica, encosta-se ao balcão e acende um cigarro, uma figura divina passa na moldura da porta, devia ser uma rapariga da alta sociedade, saiu apressado mas logo estugou o passo atrás daquela deusa que se bamboleava à sua frente, nem se atrevia a pensar que poderia obter qualquer direito à atenção da beldade loira e menos ainda admitia ideias reles que lhe assaltavam o pensamento, queria apenas ver para onde ela se dirigia, aquela criatura encantatória que parecia que voara do céu para a Avenida, ia tão concentrado que de vez em quando empurrava alguém para a estrada, pedia desculpa sem se virar, sentia-se invulgar, era um artista, um pintor atrás do modelo perfeito, com um tremor secreto continuou no enalço do objecto da sua admiração espantado com o seu próprio atrevimento, a criatura desconhecida onde se colavam os seus olhos pensamentos e devaneios virou de repente a cabeça e olhou para ele, meu deus, era ela! a esplêndida face de brancura deslumbrante sombreada pelo cabelo dourado lançou-lhe um olhar, o coração dele parado, era um olhar severo, todo o rosto indignado por aquela perseguição odiosa, mas no seu rosto belo toda a ira tornava-se bela,

ele parou baixou os olhos, quando os levantou já ela se afastava, iria ele perder aquela oportunidade, decidiu continuar a perseguição sorrateiramente, deixou-se ficar à distância, olhava para os lados com fingido interesse, mas não a perdia de vista, entraram numa rua com menos passantes, a rua ia ficando em silêncio, ela virou a cabeça e pareceu-lhe ver à distância um sorriso leve nos lábios, tremeu todo sem acreditar nos seus olhos, ficou retida no peito a respiração, tudo nele se converteu num tremor indefinido, todos os seus sentimentos ardiam no fogo que julgara extinto, o passeio fugia-lhe dos pés, os prédios inclinavam-se para ele, estrelas cintilavam à frente dos olhos, tudo isso provocado por aquele olhar, corria com pegadas leves, a velocidade das passadas em sintonia com as batidas do coração, por instantes apoderou-se dele a dúvida, seria verdade a benevolência na expressão dela, parou por um momento mas o coração palpitante e o arrebatamento de todos os sentidos empurravam-no para a frente, de repente diante dele via edifícios antigos com filas de janelas a perder de vista, correu para a porta do prédio e viu-a a voar escada acima, os joelhos tremiam, os pensamentos e sentimentos baralhados, não não era uma fantasia, meus deus num instante tanta felicidade, a vida é divina, voou também escada acima, não tinha qualquer ideia preconcebida, não o invadia a paixão terrena, era um jovem que ainda acreditava no amor espiritual, a escada

serpentava e com ela os seus sonhos. Deixei de me perseguir! soou a voz dela lá em cima, uma campainha tocou uma porta abriu-se fechou-se e ficou tudo em silêncio nas alturas escuras, ele continuava a subir, Glória sou eu Glória!

Acorda pai estás a gritar pela mãe, abriu os olhos e viu o filho pousado no peito, abraçou-o, foi um sonho filhote foi um sonho.

Era melhor que não tivesse existido nunca, que não tivesse existido neste mundo, que fosse uma criação sua, pudesse olhar eternamente para ela, viveria e respirá-la no sonho maravilhoso e seria feliz, seria o seu anjo da guarda, chamaria por ela antes do sono, esperaria o dia todo pela hora de adormecer, vê-la-ia como coisa sagrada e divina, mas assim, que vida terrível, que sentido tinha ela existindo realmente, a eterna discórdia entre o sonho e a realidade.

Talvez volte, talvez tudo isto não tenha passado de uma paragem no tempo, na verdade ninguém pode impedir a alma de ter o seu espaço próprio, ninguém a segura quando decide pôr-se em movimento